

INSERÇÃO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO CONTINUADA: diálogos entre egressos do curso de licenciatura em história

PROFESSIONAL INSERTION AND CONTINUING TRAINING: dialogues between graduates of the history degree course

Guilherme Henrique da Silva¹ - UFS 

Elizabeth Aparecida Duque Seabra² - UFVJM 

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa é investigar a inserção profissional e a formação continuada de egressos do curso de Licenciatura em História da UFVJM (2013-2023) na Educação, analisando especializações, mestrados, doutorados e outras graduações. Metodologicamente, propõe-se a criação de um grupo de pesquisa para discutir profissionalização e trajetória dos profissionais da História. Encontros online já ocorreram, reunindo egressos e evidenciando a possibilidade de uma comunidade de aprendizagem. Isso motiva estratégias para estreitar o contato com eles. Em suma, a pesquisa sobre as condições de inserção profissional e a formação continuada dos egressos do curso de Licenciatura em História da UFVJM tem se mostrado de grande importância, pois permite compreender as dinâmicas de formação do curso e seu impacto na carreira dos profissionais formados.

PALAVRAS-CHAVE: Egressos; Licenciatura em História; Prática profissional.

ABSTRACT

The main objective of this research is to investigate the professional insertion and continuing education of graduates from the Bachelor's degree program in History at UFVJM (2013-2023) in Education, analyzing specializations, master's degrees, doctorates, and other degrees. Methodologically, the proposal is to create a research group to discuss the professionalization and career trajectory of History professionals. Online meetings have already taken place, bringing together graduates and highlighting the possibility of a learning community. This motivates strategies to strengthen contact with them. In summary, the research on the professional insertion conditions and continuing education of graduates from the Bachelor's degree program in History at UFVJM has proven to be of great importance, as it allows for an understanding of the course's training dynamics and its impact on the careers of the professionals graduated.

KEYWORDS: Graduates; Bachelor's in History; Professional practice.

¹Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Mestre em Educação, área de concentração em História, Sociedade e Pensamento Educacional. E-mail: guilherme.henrique@msn.com

²Doutora em Educação, área de concentração em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte. Professora Adjunta III - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: elizabeth.seabra@ufvjm.edu.br

ENCONTROS E REENCONTROS

O viver é em camadas. Camadas profundas, camadas de meia vida e camadas ligeiras. [...] As camadas ligeiras, perguntam-me vocês, estas, sim... estas perpassam a vida em todos os momentos. Enredam-se como camadas de cebola ao que é e ao que não é... São os instantes, os pequenos momentos em que a alma para ouvir o som de bicadas de galinha na couve, um ronronar de gato ou para ver um foco de luz de vaga-lume, ou, ainda, para observar o canto direito da boca de uma pessoa amiga, com um sorriso pequenino, trazendo o segredo de uma ironia, ou uma brincadeira, uma demonstração de que a vida passou ali, deixando frescor, apesar de tudo. Nestes pequenos instantes, somos como Salvador Dalí, pessoas em pequeno delírio³ (Pereira, 2019).

Este texto emerge do encontro e reencontro com ex-estudantes do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Surge da busca por camadas ligeiras de vidas que, por um período, perpassam a Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH) e a cidade de Diamantina, em Minas Gerais. Através de conexões afetuosas, compartilhamos trocas, diálogos, sorrisos, discussões e outras atividades que são inerentes tanto à formação acadêmica quanto à jornada pessoal. No rastro de experiência, embarcamos em busca dos rastros que um dia passaram por nossas vidas, deixando suas marcas, olhares e sorrisos. Assim, começamos a montar os pequenos pedaços, a costura de um 'nós'.

Foi por meio do Grupo TerHistórias, vinculado ao Projeto 'Professores da Gerais: Histórias para além das Minas', que iniciamos o caminho de encontros e reencontros com os ex-alunos, pois acreditamos que o término da formação inicial não marca o rompimento com a universidade, mas sim o início de um momento crucial para aqueles e aquelas que seguem o caminho do ensino. António Nóvoa (2022, p. 102) denomina esses primeiros passos em direção à sala de aula como 'indução profissional' e afirma que "[...] é um momento decisivo, não apenas para a formação de professores e sua integração na carreira docente, mas também para a reconfiguração da própria profissão docente".

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo central aprofundar a compreensão das condições de inserção profissional e o contínuo desenvolvimento acadêmico dos/as egressos/as do curso de Licenciatura em História da UFVJM no período de 2013 a 2023, particularmente na esfera da educação. Nesse contexto, será analisado se os/as egressos/as optaram por especializações, mestrados, doutorados ou outras graduações em sua trajetória profissional. O nosso interesse fundamental reside na investigação das dinâmicas que permeiam a prática profissional desses/as egressos/as, bem como os principais desafios enfrentados por eles/as em relação à profissionalização e à formação contínua.

Em termos metodológicos, planejamos estabelecer um grupo de pesquisa dedicado à discussão e ao aprofundamento das questões relacionadas à profissionalização, inserção e permanência no campo profissional. Já iniciamos esforços para localizar e contatar os/as egressos/as por meio de redes sociais e outros canais, culminando em um encontro *on-line* em maio, que reuniu um número significativo de ex-estudantes. Esse encontro revelou não apenas vínculos afetivos e nostálgicos, mas também a possibilidade de construir uma comunidade de

³ Texto publicado no Facebook: Júnia Sales Pereira, em 5 de fevereiro de 2019.

aprendizagem, capaz de abranger diversos contextos de ensino-aprendizagem, como apontado por Hooks (2021).

Esse processo tem nos motivado a conceber estratégias e meios de diálogo mais eficazes, bem como a explorar oportunidades de intervenção que aproximem ainda mais a universidade de seus/suas ex-estudantes. Esse reencontro, que considera as condições de inserção profissional e a formação contínua dos egressos do curso de Licenciatura em História da UFVJM adquire relevância fundamental, pois oferece *insights* sobre a importância do curso e seu impacto nas carreiras dos profissionais formados. Além disso, contribui para o aprimoramento das práticas pedagógicas na área de História, fornecendo subsídios valiosos para o desenvolvimento de políticas educacionais direcionadas. A criação de um grupo de pesquisa e o engajamento ativo dos egressos neste processo também fortalecem a comunidade acadêmica e enriquecem a partilha de conhecimento e experiências entre os profissionais da área.

Nossos esforços encontraram outras vozes que se dedicaram e dedicam a pensar os caminhos da docência a partir de outras perspectivas, que não se findam na conclusão da graduação ou na inserção profissional, mas nos direcionam a pensar a partir dos sujeitos enquanto seres produtores de vida. Assim, dialogamos com Bell Hooks (2017; 2020; 2021), Paulo Freire (2015), António Nóvoa (2022) e Jorge Larrosa Bondía (2002), os quais, para além de solidificar nossa argumentação, possibilitam olhares para os sonhos possíveis, o amor como uma ação e futuros outros para o campo da educação.

A tessitura dessa colcha tem ganhado forma e atravessado cidades e estados. Do Jequitinhonha para localidades outras, os fios da nossa pesquisa e das histórias compartilhadas pelos/as egressos/as têm se entrelaçado, revelando uma rede que transcende as fronteiras geográficas. À medida que continuamos a costurar esse mosaico de experiências e conhecimentos, percebemos que a licenciatura em História da UFVJM não é apenas um ponto de partida, mas um fio condutor que une passado, presente e futuro, indicando a importância da educação, da inserção profissional e da formação continuada. Assim, com cada pedacinho colorido adicionado a essa colcha, fortalecemos os laços entre ex-estudantes e a universidade, enriquecendo nossa compreensão das trajetórias profissionais e acadêmicas, e reforçando nosso compromisso com uma educação pública, gratuita e de qualidade.

O CURSO DE HISTÓRIA NO VALE DO JEQUITINHONHA

A Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) é fruto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, sendo federalizada em setembro de 2005. Esse processo representou um marco no processo de interiorização das universidades no país e proporcionou o desenvolvimento econômico e sociocultural da região do nordeste mineiro, gerando empregos e oportunidades de estudos. A interiorização representou a presença de universidades, bem como dos seus novos *campi* em lugares antes não atendidos. O Reuni modificou o mapa de instituições, que, até meados de 2002, no caso de Minas Gerais, estavam concentradas na região centro-sul do estado (Martins *et al.*, 2022).

A sede da UFVJM está situada no nordeste de Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha, uma região marcada por sua beleza natural e cultura rica. O Vale é um microcosmo de contrastes e desafios que refletem a diversidade e a resiliência do seu povo. Geograficamente, esse território é uma extensa depressão entre serras e montanhas, com paisagens que variam de serras áridas a vales férteis. Seu nome deriva do rio Jequitinhonha, que corta a região e

desempenha um papel vital na vida das comunidades locais. O vale é conhecido por seu clima semiárido, caracterizado por longas estiagens e chuvas escassas, o que torna a agricultura uma tarefa árdua. No entanto, a criatividade e a adaptabilidade dos habitantes locais têm permitido que a agricultura de subsistência prospere, com cultivos como o feijão, o milho e o mandioca sendo fundamentais para a sobrevivência das comunidades.

Além de sua geografia única, o Vale do Jequitinhonha é rico em cultura e tradições. A música, a dança e a culinária são expressões artísticas profundamente enraizadas na identidade do povo da região. O artesanato local, especialmente as esculturas em madeira e cerâmica, é famoso por sua originalidade e beleza, representando as histórias e a espiritualidade do povo jequitinhonhense. Apesar dos desafios socioeconômicos, o Vale do Jequitinhonha é um lugar de comunidades fortes e unidas, onde a solidariedade é uma parte essencial da vida cotidiana. A região também tem um grande potencial turístico, com suas belezas naturais, tradições culturais e festivais locais, como o 'Festival', que atraem visitantes em busca de experiências autênticas.

No entanto, é importante destacar que o Vale do Jequitinhonha enfrenta desafios significativos, como a pobreza e a falta de acesso a serviços básicos, como saúde e educação. Essas questões tornam o desenvolvimento econômico e social da região uma prioridade, com a necessidade de investimentos em infraestrutura e oportunidades educacionais. É nesse espaço que está situado o curso de Licenciatura em História da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH) da UFVJM, com enormes desafios institucionais.

Uma comunidade de aprendizagem em construção

A busca pelos/as egressos/as ocorreu de maneira espontânea, sem o envio de *e-mails* ou abordagens estruturadas. Em vez disso, utilizamos nossos contatos ainda ativos em redes sociais e grupos de aplicativos de mensagens. Foi elaborado um breve texto de convite aos/as ex-alunos/as, incentivando-os/as a participar de um encontro *on-line* e a compartilhar a mensagem com outros colegas que também concluíram a licenciatura. Ao longo de algumas semanas, essa mensagem encontrou seu caminho até várias pessoas e endereços, culminando em um encontro *on-line* significativo durante uma semana de maio de 2023.

Esse encontro foi marcado por sorrisos, compartilhamento de memórias da graduação, como aulas preferidas e aquelas menos queridas, professores/as queridos/as e outros nem tanto. Recordamos também os desafios logísticos, como o transporte muitas vezes precário, e as emocionantes viagens de campo, que levaram alguns de nós para além das fronteiras do município e até mesmo do estado pela primeira vez. Lembramos das condições climáticas imprevisíveis no *campus* II da UFVJM, que, de forma unânime, concordamos em experimentar as quatro estações em um único dia, tornando as mochilas sempre volumosas e equipadas com itens essenciais para "sobreviver" aos "Alpes da Jacuba", como carinhosamente chamamos o *campus*.

É importante mencionar que tínhamos nossas apreensões ao reunir tantas pessoas de origens e momentos diferentes em um ambiente comum, mesmo que fosse virtual. Desde o início, reconhecemos a importância da criação de uma comunidade de aprendizagem, especialmente para aqueles que haviam se afastado da universidade por várias razões, incluindo a falta de uma estrutura que mantivesse os vínculos entre os/as recém-formados/as e a instituição. Inspirados por Bell Hooks, aprendemos que a criação de uma comunidade permite que as experiências individuais tenham espaço para compartilhamento, possibilitando uma educação como prática de liberdade que transcende as paredes da sala de aula.

Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma **comunidade aberta de aprendizado** (Hooks, 2017, p. 10, grifo nosso).

Assim, partindo da leitura de Bell Hooks (2017), o conceito de comunidade aberta de aprendizado vai para além de uma sala de aula tradicional. Ele implica no estabelecimento de relações horizontais. O encontro entre os/as egressos/as e seus antigos professores pôde se dar como uma comunidade aberta de aprendizagem, em que as diferenças são respeitadas e todas as vozes são consideradas dignas. Uma comunidade respeita, acolhe, compartilha e se solidariza criando uma “estrutura de valores, crenças e desejos que sempre transcendem o corpo, desejos que estão relacionados a um espírito universal” (Hooks, 2021, p. 127).

O conceito de amor é frequentemente associado a um sentimento que permeia nossas vidas, mas a perspectiva de Bell Hooks 2020 nos convida a olhar para o amor de uma maneira diferente. Ela sugere que, ao considerarmos o amor como uma ação, somos compelidos a assumir uma maior responsabilidade e comprometimento em nossas palavras e ações. Isso se aplica não apenas à nossa vida cotidiana, mas também ao contexto da educação. Contrariamente à crença de que o amor na sala de aula pode tornar os professores menos objetivos, a abordagem de ensinar com amor nos torna mais capacitados para atender às preocupações individuais de cada aluno. Além disso, permite que integremos as necessidades e bem-estar de toda a comunidade da sala de aula. Quando os educadores se dedicam a afirmar o bem-estar emocional de seus alunos, estão, na verdade, realizando o trabalho do amor (Hooks, 2020).

Nesse contexto, construir uma comunidade de aprendizagem baseada na amorosidade emerge como um dos objetivos centrais do trabalho educacional. Essa abordagem implica reconhecer que o amor não é uma mera emoção, mas uma ação intencional que busca criar um ambiente de ensino e aprendizado onde cada aluno é valorizado e cuidado. Isso não significa apenas ajudar os estudantes com suas preocupações acadêmicas, mas também oferecer apoio emocional, criando um espaço onde todos se sintam seguros, respeitados e ouvidos (Hooks, 2021).

Ao adotar essa perspectiva de amor como ação na educação, os educadores têm o potencial de transformar a sala de aula em um local onde o crescimento pessoal e acadêmico floresce. Essa abordagem não apenas fortalece os vínculos entre professor e aluno, mas também promove uma cultura de empatia, colaboração e aprendizado mútuo. Assim, a amorosidade torna-se uma força poderosa na promoção do sucesso e bem-estar de todos os envolvidos no processo educacional. Portanto, a construção de uma comunidade de aprendizagem baseada na amorosidade é uma ação que beneficia tanto alunos quanto educadores. Construir essa comunidade de aprendizagem baseada na amorosidade é um dos objetivos centrais deste trabalho.

INSERÇÃO PROFISSIONAL E A FORMAÇÃO CONTINUADA

É na História como possibilidade que a subjetividade, em relação dialético-contraditória com a objetividade, assume o papel do sujeito e não só de objeto

das transformações do mundo (Freire, 2015, p. 54). Adquirir a consciência de que os primeiros anos como professores iniciantes ou principiantes são os mais decisivos na vida profissional docente, pois marcam, de muitas maneiras, a nossa relação com os alunos, com os colegas e com a profissão (Nóvoa, 2022, p. 92).

A história da educação é um vasto campo de estudo, em que as dinâmicas entre subjetividade e objetividade desempenham papéis cruciais. Paulo Freire (2015) nos ensina que a subjetividade desempenha um papel fundamental na história, não apenas como objeto, mas como sujeito das transformações do mundo. Essa visão dialético-contraditória da relação entre subjetividade e objetividade é essencial para compreender a evolução da prática educacional. Nessa perspectiva, António Nóvoa (2022), em sua obra mais recente, destaca a importância dos primeiros anos na vida profissional docente. Ele argumenta que esse período inicial é decisivo, deixando marcas profundas na relação dos professores com os alunos, colegas e com a própria profissão. A consciência adquirida durante esses anos iniciais molda a maneira como os/as educadores/as abordam sua prática e como interagem com os demais atores do cenário educacional.

É na interseção dessas duas reflexões que podemos vislumbrar um quadro mais amplo da evolução da educação. Os/as professores/as, como sujeitos ativos, desempenham um papel crucial na construção da história da educação, a partir da subjetividade e da objetividade que permeiam o ambiente educacional. Os primeiros anos como professores/as iniciantes, como apontados por Nóvoa (2022), são um marco nesse processo, pois é nesse período que os docentes desenvolvem sua identidade profissional e estabelecem as bases de sua relação com os alunos e colegas.

Essa interconexão entre a história como possibilidade, em que a subjetividade é protagonista, e os primeiros anos na profissão docente como momentos decisivos ressalta a importância de uma formação sólida e de práticas pedagógicas reflexivas. Os educadores, ao compreenderem seu papel ativo na história da educação, podem melhor adaptar suas práticas às necessidades em constante evolução dos/as estudantes e da sociedade. Além disso, a consciência da importância dos primeiros anos como professores/as iniciantes deve servir de incentivo para investimentos contínuos na formação e no desenvolvimento profissional dos/as docentes, garantindo que eles/as estejam preparados/as para enfrentar os desafios e as oportunidades da educação contemporânea.

Nesse contexto de emancipação dos corpos e do reconhecimento de cada indivíduo como sujeito da história, direcionamos nossa atenção para a reflexão, baseada nas experiências narradas pelos ex-alunos, a fim de desenvolver em coletivo práticas pedagógicas mais reflexivas. Através desses encontros de compartilhamento, foi possível estabelecer diálogos e trocas de experiências sobre o que funcionou bem ou não em sala de aula, estratégias para mobilizar o corpo discente, bem como abordar desafios e oportunidades ao discutir temas específicos. Nessa partilha, a relação entre a formação inicial e a inserção profissional tomaram certa centralidade nas falas dos/as egressos/as.

Algumas falas vieram à tona e foram enfatizadas pelos egressos: "a universidade não nos prepara adequadamente para a atuação na prática", "a teoria parece distante da realidade da sala de aula", "aprendemos principalmente com as situações que surgem no dia a dia e os desafios que enfrentamos". Essas percepções não foram uniformes entre todos os participantes, mas ficaram evidentes durante o primeiro encontro. Elas ecoam a dicotomia entre teoria e prática que há muito tempo permeia o campo da formação de professores, destacando a necessidade de um equilíbrio entre ambas as dimensões para uma preparação mais efetiva dos futuros

educadores. Nesse sentido, a reflexão crítica sobre como a teoria pode ser relacionada de maneira significativa à prática, e vice-versa, assume um papel crucial no aprimoramento da formação docente. É um desafio que requer uma abordagem mais integrada e colaborativa, como a que estamos buscando desenvolver por meio deste encontro contínuo com os egressos,

São bem conhecidas as dicotomias que habitam o campo da formação de professores. A mais famosa opõe a teoria à prática. De um lado, os “teóricos” repetem a importância dos fundamentos, do pensamento crítico, da dimensão intelectual dos professores. Será que alguém pode discordar? Do outro, os “práticos” insistem na importância do terreno, do chão da escola, da experiência concreta da sala de aula. Será que alguém pode discordar? Mas a teoria de uns e a prática de outros é, muitas vezes, vazia: ou porque é uma teoria enciclopédica, de uma erudição que pouco ajuda a pensar criticamente a educação e a profissão; ou porque é uma prática rotineira, sem qualquer capacidade de reflexão e de construção de novas dinâmicas (Nóvoa, 2022, p. 76).

Como o grupo conta com pessoas em distintos momentos da carreira, os/as formados/as têm a profissão e a partir dela suas experiências. Notamos que em vários momentos ressoava uma voz do ‘conhecimento da sala de aula’ em direção aos/as recém-formados/as com intuito de prepará-los/as para o momento da inserção profissional. Outros/as que passaram pela Educação Básica, mas deram seguimento aos cursos de pós-graduação, distanciando-se da sala de aula, apresentavam as possibilidades da carreira de professor, bem como, os desafios de estarem fora do cotidiano escolar.

Novamente recorremos a Nóvoa (2022), que dialoga a partir de três teses para pensar um terceiro lugar na formação de professores. Esse lugar vai além das dicotomias, por exemplo, entre a teoria e a prática. Essa lógica binária que domina o campo da formação pode ser superada a partir de uma “[...] terceira realidade: primeiro, um terceiro lugar institucional; depois, um terceiro gênero de conhecimento; finalmente, uma terceira presença coletiva” (Nóvoa, 2022 p. 77).

O terceiro lugar institucional trata da ligação efetiva entre universidade e as escolas públicas para instituir uma comunidade de formação, criando uma ‘**casa comum**’ que proporcionará a ligação entre formação e profissão. O terceiro gênero de conhecimento refere-se ao **profissional docente** - se não reconhecermos a importância desse gênero, “não conseguiremos afirmar a profissão docente como ‘profissão baseada no conhecimento’” (Nóvoa, 2022, p. 82). Assim, esse lugar não se funda na dicotomia entre conhecimento científico e pedagógico. A última proposição dessa terceira realidade é a **presença coletiva**, que seria um deslocamento do âmbito do trabalho individual para uma cena coletiva, criando uma diversidade de organização pedagógica (Nóvoa, 2022).

O lugar da formação também é lugar da experiência que carrega a dimensão da travessia, do percorrido e da passagem.

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão,

uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. E a palavra paixão pode referir-se a várias coisas (Bondía, 2002, p. 26).

Essas novas perspectivas nascem da metamorfose em que o modelo de escola do final do século XIX precisa passar por mudanças e atender as demandas do século XXI. A escola tem que fazer sentido aos educandos, bem como os conhecimentos produzidos no seu interior. Jorn Rusen (2011), ao tratar do ensino de História, enfatiza que os objetivos da educação histórica perpassam a orientação para a vida pública: “O que deve ser lembrado aqui é que o ensino de história afeta o aprendizado de história e o aprendizado de história configura a habilidade de se orientar na vida e de formar uma identidade histórica coerente e estável” (Rusen, 2011, p. 40). A escola e no caso a disciplina de História não podem ser pensadas divorciadas da vida prática, pois é isso que confere sentido ao processo de aprendizagem, bem como o desenvolvimento da consciência histórica, que é uma das dimensões do aprendizado histórico.

Nesse sentido, pensar a escola do século XXI a partir da formação de professores, requer “[...] pensar o percurso do licenciado como um processo progressivo de aquisição de uma dimensão profissional” (Nóvoa, 2022, p. 94). Para nós, é imperativo o diálogo a partir das experiências aliada à teoria por compreendermos que elas são produtoras de conhecimentos. Esse movimento permite transgredir as barreiras da dicotomia, que ainda é presente nos cursos de formação inicial. Ao falarmos a partir da Licenciatura em História, assistimos a isso cotidianamente. A constante desarmonia entre a historiografia e o ensino cria identidades distintas dentro do âmbito da História, e isso é tão proeminente que, desde os períodos iniciais da formação, é comum ouvir estudantes de História se posicionando de forma polarizada, favorecendo um polo em detrimento do outro. A disputa por Clio reflete a persistência de um currículo ainda binário.

A criação do nosso grupo de pesquisa simboliza a oportunidade de superar a divisão tradicional entre teoria e prática, bem como representa um projeto que visa se aproximar dos/as egressos/as e acompanhar suas jornadas desde a fase inicial de formação. Esses caminhos, que se mostram notavelmente variados, têm nos enriquecido com uma ampla gama de conhecimentos, evidenciando o quanto a “formação de professores desempenha um papel central na defesa da escola pública e na valorização da profissão docente” (Nóvoa, 2022, p. 103).

ENCONTROS FUTUROS

Este trabalho busca elementos de avaliação das condições de formação docente no curso de História da UFVJM, ao mesmo tempo em que propicia vínculos com a formação continuada dos/as egressos/as. A grande contribuição está no campo da formação docente na medida em que trabalha com a dicotomia redutora entre conhecimento científico e conhecimento pedagógico, como nos ensina Nóvoa (2022,).

Ao reconstruir e analisar as trajetórias dos/as egressos/as, o trabalho abre perspectivas de investigar dinâmicas como a atuação dos professores da Educação Básica, o trabalho com o ensino de História e diversas situações profissionais que se conformaram após a graduação em História ao longo do recorte cronológico proposto de dez anos de formaturas.

Esse movimento tem nos permitido pensar a educação, em especial a formação de professores, a partir de outras perspectivas e metodologias. O nascimento de uma comunidade de aprendizagem nos direciona a desenvolver reflexões e ações a partir do coletivo,

evidenciando a necessidade de pensarmos uma educação para a diversidade, em que toda experiência narrada encontra espaço e é acolhida. Com elas, passamos a pensar em formas outras de atuar na e com a escola, considerando as demandas da juventude do século XXI.

Portanto, é no encontro com a amorosidade, compreendida como uma ação, que a teoria e a prática transcendem o dualismo comum, abrindo caminho para uma terceira realidade. Essa terceira realidade pode ser vista a partir de uma abordagem amorosa e inclusiva na educação, onde os conhecimentos científico e pedagógico se entrelaçam para formar uma base sólida para a formação de professores. Os futuros encontros e investigações certamente continuarão a enriquecer este diálogo e a promover uma educação como prática para a liberdade.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt>.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Trad. Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MARTINS, Humberto *et al.* Expansão das universidades federais e interiorização do desenvolvimento em Minas Gerais. In: MACEDO, Fernando Cezar de; MONTIERO NETO, Aristides; VIEIRA, Danilo Jorge (orgs.). **Universidade e território: Ensino Superior e desenvolvimento regional no Brasil do século XXI**. Brasília: IPEA, 2022. p. 593-614.

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

RUSEN, Jorn. **Jorn Rusen e o ensino da História**. Curitiba: UFPR, 2011.

| Submetido em: 10/01/2024

| Aprovado em: 01/04/2024

| Publicado em: 20/04/2024